



DESAFIOS ATUAIS NO MANEJO DA PERDA INVOLUNTÁRIA DE URINA EM IDOSOS COM DISTÚRBIOS DEMENCIAIS

CURRENT CHALLENGES IN MANAGING URINARY INCONTINENCE IN THE ELDERLY WITH DEMENTIAL DISORDERS

Maria Eduarda Dantas Peronico Sobral¹

Uyara da Silva Xavier²

Karolainy formiga da Silva³

Gabriel Carlos Carvalho Pinheiro⁴

Iria Mariana de Medeiros Araujo⁵

Isadelia Constancio de Oliveira⁶

RESUMO

Este estudo analisa os principais desafios no manejo da incontinência urinária em idosos com distúrbios demenciais, ambas, condições prevalentes em pacientes geriátricos. A combinação entre o envelhecimento e o comprometimento cognitivo aumenta a dificuldade de gerenciar adequadamente a incontinência urinária, uma vez que a incapacidade de reconhecer sinais fisiológicos e a limitação na mobilidade afetam o tratamento. O objetivo desta pesquisa é discutir os desafios de cuidado desses idosos, enfatizando a importância de uma abordagem multidisciplinar e individualizada que contemple tanto o controle dos sintomas quanto a melhora da qualidade de vida dos pacientes. A pesquisa revisa as principais práticas, suas limitações e o impacto que essas intervenções têm sobre a condição de saúde desses indivíduos. Conclui-se que a educação contínua dos profissionais e familiares, juntamente com o uso de tecnologias assistivas, são fundamentais para o sucesso no manejo dessa condição.

Palavras-Chave: Demência; Incontinência Urinária; Geriatria.

ABSTRACT

This study analyzes the main challenges in managing urinary incontinence in elderly people with dementia disorders, both of which are prevalent conditions in geriatric patients. The combination of aging and cognitive impairment increases the difficulty of adequately managing urinary incontinence, as the inability to recognize physiological signs and limited mobility affect treatment. The objective of this research is to discuss the challenges of caring for these elderly people, emphasizing the importance of a multidisciplinary and individualized approach

¹ Graduando(a) em Medicina pelo Centro Universitário de Patos. E-mail: mariasobral@med.fiponline.edu.br

² Graduando(a) em Medicina pelo Centro Universitário de Patos. E-mail: uyaraxavier@med.fiponline.edu.br

³ Graduando(a) em Medicina pelo Centro Universitário de Patos. E-mail: karolainysilva@med.fiponline.edu.br

⁴ Graduando(a) em Medicina pelo Centro Universitário de Patos. E-mail: gabrielpinheiro@med.fiponline.edu.br

⁵ Graduando(a) em Medicina pelo Centro Universitário de Patos. E-mail: iriamarianam23@gmail.com

⁶ Mestre em Saúde e Docente no Centro Universitário de Patos. E-mail: isadeliaoliveira@fiponline.edu.br

that encompasses both symptom control and improving patients' quality of life. The research reviews the main practices, their limitations and the impact that these interventions have on the health condition of these individuals. It is concluded that the continuous education of professionals and family members, together with the use of assistive technologies, are fundamental to the successful management of this condition.

Keywords: Geriatrics; Dementia; Urinary Incontinence.

INTRODUÇÃO

A incontinência urinária (IU) é uma condição frequente em idosos e impacta significativamente a qualidade de vida, sendo constantemente subtratada (Aldridge; Dening, 2024). Nos idosos com distúrbios demenciais (DD), como a doença de Alzheimer, o manejo da incontinência urinária torna-se um desafio ainda maior. Pois, as alterações cognitivas e funcionais presentes nesses pacientes dificultam a identificação de outras doenças, adesão a tratamentos e implementação de intervenções eficazes (Cole, *et al.*, 2019). Além disso, a progressão das doenças demenciais (DD) pode comprometer gradualmente a capacidade do paciente de reconhecer a necessidade de urinar e de chegar ao banheiro a tempo, o que agrava o quadro clínico. Essa perda de controle também pode aumentar a predisposição do paciente ao desenvolvimento de condições oportunistas ou correlacionadas a maus hábitos de higiene, como infecções urinárias e lesões na pele. Um exemplo dessas condições são as úlceras por pressão, que surgem com frequência devido à imobilidade prolongada e à falta de cuidados adequados com a pele (Naharci, *et al.*, 2023)

Com o aumento da expectativa de vida, o número de idosos com demência cresce significativamente, o que torna ainda mais urgente a necessidade de abordar condições que afetam essa população, como a incontinência urinária (IU). Que não apenas compromete a qualidade de vida dos pacientes, mas também exerce um grande impacto no sistema de saúde, tanto no aspecto físico quanto emocional e financeiro (Payne, 2020). Nos idosos com demência, a gestão dessa condição se torna ainda mais desafiadora, dado que esses pacientes podem ter dificuldades cognitivas em reconhecer a necessidade de urinar ou em comunicar seus sintomas adequadamente (Li, *et al.*, 2019). Além disso, o manejo da incontinência em pacientes com demência é muitas vezes subestimado ou tratado de forma inadequada, o que pode agravar ainda mais o quadro clínico, levando a consequências como infecções urinárias recorrentes, lesões de pele devido ao contato prolongado com a urina, e até mesmo ao isolamento social, que pode piorar a saúde mental do paciente (Soysal, Smith, 2024).

A sobrecarga gerada pelo cuidado desses pacientes com demência e incontinência urinária (IU) não afeta apenas os profissionais de saúde, mas também exerce um impacto significativo sobre cuidadores e familiares, que frequentemente enfrentam desafios emocionais, físicos e até financeiros ao lidar com as demandas cotidianas desses indivíduos. A gestão dessas necessidades envolve um cuidado constante, que inclui a supervisão e a mobilização dos pacientes, além de lidar com a frustração e o estresse emocional de ver a condição se agravar ao longo do tempo. Isso resulta em um aumento substancial dos custos de cuidados, seja pela necessidade de hospitalizações mais frequentes, internações em instituições especializadas, ou pelo uso contínuo de produtos e serviços de apoio, como fraldas, dispositivos de coleta de urina, e contratação de cuidadores profissionais (Chang, *et al.*, 2021). A complexidade da gestão da IU nesses pacientes, portanto, evidencia a lacuna existente entre as abordagens tradicionais e as necessidades específicas da população idosa com distúrbios cognitivos. Tal situação reforça a necessidade de estudos que explorem novas estratégias de manejo que possam não só melhorar a qualidade de vida dos pacientes, mas também reduzir a sobrecarga ao sistema de saúde (Akkoç, *et al.*, 2019).

O presente trabalho tem como objetivo discutir as maiores adversidades no manejo da incontinência urinária em idosos com problemas demenciais, destacando as dificuldades enfrentadas pelos pacientes acometidos e seus cuidadores. Além disso, busca apontar possíveis soluções que possam não apenas melhorar a qualidade de vida desses pacientes, mas também aliviar o estresse e a sobrecarga emocional daqueles que são responsáveis pelos seus cuidados diários, promovendo um atendimento mais eficaz e humanizado.

MÉTODO

Este trabalho foi realizado a partir de uma revisão narrativa da literatura, com o objetivo de explorar os desafios atuais no manejo da incontinência urinária em idosos com distúrbios demenciais. A busca foi realizada na base de dados *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE), utilizando a plataforma *PubMed*, e incluiu artigos publicados nos últimos cinco anos (2019-2024), com língua principal em inglês. Foram identificados, inicialmente, 23 artigos por meio das palavras-chave “*Aged*”, “*Dementia*”, “*Urinary Incontinence*” e o operador booleano “*AND*”.

Após a aplicação da pergunta norteadora “Quais são as principais dificuldades no manejo da incontinência urinária em idosos com distúrbios demenciais?”, e a análise detalhada

dos resumos, 10 artigos foram selecionados por apresentarem maior relevância e profundidade para discutir os desafios e as intervenções práticas no manejo dessa condição complexa. As informações extraídas abordaram tanto intervenções farmacológicas quanto comportamentais, além de considerar o impacto significativo das alterações cognitivas sobre o tratamento da incontinência urinária, enfatizando ainda mais a necessidade de abordagens integradas e personalizadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A incontinência urinária é frequentemente subestimada como um sintoma comum do envelhecimento, levando à crença equivocada de que pouco pode ser feito para gerenciá-la de forma eficaz. Entretanto, estudos indicam que, embora a demência influencie significativamente a capacidade de continência, essa condição não deve ser vista como inevitável ou irreversível. Pesquisas recentes destacam que intervenções proativas, como a avaliação personalizada de continência e programas de reabilitação vesical, têm mostrado resultados promissores, pois ajudam a reduzir a frequência de episódios de incontinência e a melhorar o controle da função urinária. Essas abordagens individualizadas, que consideram não apenas os aspectos físicos, mas também cognitivos e emocionais dos pacientes, permitem adaptar as estratégias de manejo às necessidades específicas de cada indivíduo, promovendo maior envolvimento no próprio cuidado e, consequentemente, melhorando a qualidade de vida dos idosos afetados pela condição (Aldridge, Dening, 2024).

Afinal, por ser uma doença multifatorial, a demência está intimamente ligada à função cognitiva e à condição psicológica do idoso, e esses fatores são capazes de influenciar diretamente comportamentos agitados e outros distúrbios comportamentais. Esses distúrbios, como a agitação e a agressividade, frequentemente complicam o manejo de condições clínicas como a incontinência urinária e as tornam mais dispendiosas e emocionalmente exaustivas (Payne, 2020). No entanto, apesar dessas complexidades e do impacto negativo que os fatores cognitivos e psicológicos exercem sobre a autonomia, apenas a independência aprimorada do paciente mostrou ser realmente eficaz na redução dos episódios de incontinência urinária. Isso sugere que estratégias que promovam a autonomia funcional e a capacidade de autocuidado dos pacientes podem ter um impacto significativo na gestão da incontinência, mesmo diante de fatores cognitivos e psicológicos adversos, ajudando a minimizar o uso excessivo de intervenções médicas ou medicamentosas (Li, *et al.*, 2019).

O estudo de High (2024) incluiu um total de 4213 mulheres, e entre elas, 40,6% das participantes com idades entre 58 e 69 anos relataram episódios de incontinência urinária. Durante as análises cognitivas realizadas, foi observada uma piora na capacidade de evocação de memória semelhante entre indivíduos com e sem incontinência urinária, sugerindo que o declínio da memória não está diretamente associado à presença da condição. Além disso, o estudo demonstrou que, embora a probabilidade de desenvolver demência esteja aumentada em ambos os grupos, não houve diferença estatisticamente significativa entre eles ($p > 0,05$), indicando que a incontinência urinária isoladamente não agrava o risco de demência. A IU frequente foi observada em 6% dos indivíduos com o distúrbio, reforçando a conclusão de que a condição não está rigorosamente associada ao agravamento progressivo da função cognitiva ou ao desenvolvimento acelerado de doenças neurodegenerativas.

Outro artigo compara 369 pacientes com demência e 369 sem demência, com idade média de 80,5 anos, e aponta uma alta prevalência de síndromes geriátricas em ambos os grupos. A polifarmácia, desnutrição, sarcopenia e sonolência diurna foram exponencialmente maiores entre os pacientes com demência, sugerindo que as condições de saúde associadas à idade são amplificadas pela presença de declínio cognitivo. Além disso, o estudo confirma que a incontinência urinária, juntamente com outras condições comuns, como insônia e quedas, não apresentaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, o que reforça que essas condições estão associadas ao envelhecimento em geral e não exclusivamente à demência. Esses dados destacam a importância de avaliações geriátricas abrangentes e contínuas, uma vez que a coexistência de múltiplas condições e síndromes geriátricas pode influenciar diretamente a abordagem terapêutica e o planejamento dos cuidados para esses pacientes, garantindo uma melhor qualidade de vida e um manejo mais eficaz das comorbidades (Soysal, Smith, 2024).

Todavia, de acordo com Naharci (2023), a relação entre o comprometimento funcional e a incontinência urinária (IU) em pacientes com demência é clara e bem documentada, especialmente em casos de demência com corpos de Lewy (DLB), onde o comprometimento funcional é frequente, mesmo nos estágios iniciais da doença, particularmente em mulheres. Esse quadro, aliado à incontinência e à polifarmácia, aumenta significativamente a carga das síndromes geriátricas, exigindo avaliações contínuas e aprofundadas para frear a progressão do distúrbio. Além disso, em indivíduos com Alzheimer, foi observada uma correlação significativa entre a incontinência de urgência e a gravidade dos sintomas, destacando a necessidade de um cuidado mais intenso e especializado com pacientes que apresentam um maior índice de demência clínica para tratar e prevenir novos quadros de incontinência (Chang, *et al.*, 2021).

Ademais, de acordo com Su (2020), a reabilitação funcional e cognitiva surge como uma intervenção preventiva promissora e eficaz, especialmente em pacientes idosos. Estudos com veteranos demonstraram uma relação bidirecional significativa entre deficiência funcional, comprometimento cognitivo e incontinência urinária, sugerindo fortemente que intervenções focadas no desempenho funcional, como o treinamento físico regular e atividades cognitivas, podem reduzir a incontinência e, simultaneamente, melhorar a cognição. Além disso, um estudo com pacientes que apresentaram disfunção do trato urinário inferior (DTUI) após acidente vascular cerebral (AVC) revelou que a incontinência está associada a um pior estado cognitivo e funcional, bem como a uma qualidade de vida reduzida, tornando-se um fator essencial a ser avaliado e tratado durante a recuperação de idosos com AVC para otimizar seus resultados globais e promover uma reabilitação mais eficaz (Akkoç, *et al.*, 2019).

Por fim, os participantes relataram uma série de problemas profundamente relacionados ao constrangimento que essa condição provoca, incluindo várias estratégias para ocultar seus sintomas e para disfarçar o estigma associado aos mesmos de seus cônjuges e familiares. Em alguns casos, as limitações cognitivas resultaram em soluções que, infelizmente, acabaram sendo prejudiciais para os outros ao redor (Cole, *et al.*, 2019). O uso de diários da bexiga e o envolvimento ativo de familiares e cuidadores foram destacados como essenciais no manejo eficaz da incontinência, assim como a importância crítica do exame físico detalhado e da observação atenta de "sintomas de bandeira vermelha". Por fim, foi discutida a necessidade de criar estratégias individualizadas que envolvem urgência para ida ao banheiro, medicação apropriada, uso de absorventes, cateterismo e suporte abrangente a cuidadores, visando uma abordagem mais integrada e personalizada (Su, *et al.*, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O manejo da incontinência urinária em idosos com distúrbios demenciais apresenta desafios complexos que demandam uma abordagem multidisciplinar e cuidadosamente planejada. Além do acompanhamento médico regular, é essencial envolver a família no processo de cuidado e utilizar tecnologias assistivas apropriadas para melhor suporte. O tratamento deve ser adaptado às condições cognitivas e físicas do paciente, considerando as limitações da demência, como dificuldade de comunicação e percepção reduzida da necessidade de urinar. Estratégias personalizadas e eficazes, como o uso de diários da bexiga e intervenções específicas que promovam a autonomia do paciente, podem reduzir a frequência da

incontinência e melhorar a participação ativa do paciente, aliviando também a sobrecarga dos cuidadores e promovendo um ambiente mais confortável.

A capacitação contínua de cuidadores e profissionais de saúde é crucial para garantir um manejo mais eficiente e humanizado da incontinência urinária. A educação sobre práticas de cuidado, combinada com estratégias preventivas abrangentes, como reabilitação funcional e suporte psicossocial, é fundamental para melhorar a qualidade de vida dos pacientes e a eficácia no tratamento. Intervenções focadas no desempenho funcional, como o treinamento físico regular, podem reduzir significativamente o impacto da incontinência e melhorar a cognição, especialmente em casos de AVC e demência com corpos de Lewy. Uma abordagem integrada e bem estruturada pode minimizar complicações, oferecer suporte eficaz tanto para pacientes quanto para cuidadores e promover um manejo mais completo.

REFERÊNCIAS

ALDRIDGE, Z.; DENING, K. H. Incontinence in people living with dementia. **Br J Community Nurs**, v.29, p. S8–S14, 2024. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-38728161>. Acessado em 11/09/2024.

AKKOÇ, Y. *et al.* Post-stroke lower urinary system dysfunction and its relation with functional and mental status: a multicenter cross-sectional study. **Top Stroke Rehabil**, v.26, p. 136–141, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-30570391>. Acessado em 11/09/2024.

CHANG, C.-W. *et al.* The Relationship Between Lower Urinary Tract Symptoms and Severity of Alzheimer's Disease. **Am J Alzheimers Dis Other Demen**, v. 36, p. 1533317521992657, 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-33635087>. Acessado em 11/09/2024

COLE, L.; DRENNAN, V. M. Living with incontinence: The experience of people with dementia. **Dementia (London)**, v.21, p. 1826–1839, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-28925299>. Acessado em 11/09/2024.

HIGH, R. A. *et al.* Longitudinal study of cognitive decline among women with and without urinary incontinence. **Am J Obstet Gynecol**, v.231, p. 105.e1–105.e8, 2024. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-38432414>. Acessado em 11/09/2024.

LI, H.-C.; CHEN, K.-M.; HSU, H.-F. Modelling factors of urinary incontinence in institutional older adults with dementia. **J Clin Nurs**, v.28, p. 4504–4512, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-31429131>. Acessado em 11/09/2024.

NAHARCI, M. I. *et al.* Assessment of clinical features and coexisting geriatric syndromes in newly diagnosed dementia with Lewy bodies: a retrospective study in a tertiary geriatrics setting in Turkey. **Eur Geriatr Med**, v.14, p. 19–27, 2023. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-36512254>. Acessado em 11/09/2024.

PAYNE, D. Managing incontinence in people with dementia. **Br J Community Nurs**, v.25, p. 430–436, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-32881611>. Acessado em 11/09/2024.

SOYSAL, P.; SMITH, L. The prevalence and co-existence of geriatric syndromes in older patients with dementia compared to those without dementia. **Aging Clin Exp Res**, v. 36, n.1, p. 66, 2024. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-38472505>. Acessado em 11/09/2024.

SU, Y.-Y. *et al.* Exploring a Path Model of Cognitive Impairment, Functional Disability, and Incontinence Among Male Veteran Home Residents in Southern Taiwan. **Sci Rep**, v.10, n.1, p. 5553, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-32221413>. Acessado em 11/09/2024.